

O legado de Belchior segue

Em seu álbum, ‘Meu Nome é Cem – Parte 1’, a cantora Vannick Belchior atualiza a obra de seu pai

AFFONSO NUNES

Nos últimos anos de vida, Belchior se afastou de tudo o que construiu. Deixou para trás uma carreira de sucesso, passou por cidades do Sul e do Uruguai e recusou convites para shows e novos discos. Parecia querer romper com a própria obra... Não conseguiu. Suas canções continuaram a circular, ganharam intérpretes, voltaram aos palcos e se mantiveram na memória de quem cresceu com elas. Família, fãs e músicos cuidaram desse repertório enquanto seu criador escolhia desaparecer.

Agora, às vésperas dos 80 anos de seu nascimento, Vannick Belchior assume uma parte dessa herança sem se limitar ao mero tributo. Em “Meu Nome é Cem – Parte

1”*, que chega às plataformas em 4 de setembro, ela aproxima do rapper Don L e do compositor Renato Teixeira e procura fazer o legado do pai conversar com o presente.

O álbum reúne seis faixas. Don L participa de “Meu Cordial Brasileiro”, enquanto Renato Teixeira divide com Vannick uma nova leitura de “Tudo Outra Vez”. Na faixa-título, já divulgada, ela trabalha com o produtor Rick Ferreira.

Renato Teixeira foi amigo e parceiro de palco de Belchior; Don L, também cearense, traz para o disco uma voz marcada pela crítica social e pela observação urbana tão pesantes na obra do bardo.

“Meu Cordial Brasileiro” parte da denúncia dos problemas sociais cíclicos, das aparências e das relações de poder. “Quando penso em denúncia e genialidade atual, penso no Don L”, afirma Vannick. “Ele é da minha cidade e tem um posicionamento po-



A cantora cearense Vannick Belchior abraça a obra de seu pai com olhar sobre o presente

lítico e musical fortíssimo.” A cantora aproxima a crítica ao “poder amargo” sobre o cidadão comum” de uma perspectiva contemporânea.

Em “Tudo Outra Vez”, o caminho é outro. A presença de Renato Teixeira vem da proximidade humana e artística dele com Belchior. “A música conversa com a simplicidade humana e com uma poesia rebuscada, algo que se conecta muito com a

obra do meu pai”, diz Vannick. Para ela, as histórias que Teixeira contou sobre essa amizade ajudam a “eternizar ainda mais essa canção”.

O disco expande o universo da faixa-título “Meu Nome é Cem”. A canção usa a figura de um artista circense e a metáfora de um cidadão invisibilizado para falar da precariedade da arte no Brasil. O tema encontra eco na obra de Belchior,

compositor que tratou de deslocamento, trabalho, desejo e desencanto sem se curvar às reverências.

Vannick já se aproximara desse repertório em projetos como “Das Coisas que Aprendi nos Discos” e “Concerto à Palo Seco”. No novo trabalho, assina a curadoria de repertório e tenta sustentar uma voz própria num território inevitavelmente ocupado pela memória do pai.

CRÍTICA DISCO | OGUM DE RONDA

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje trataremos do Duo Orimã, que lança o terceiro e último single de uma trilogia musical dedicada à ancestralidade afro-brasileira. Iniciado em abril e agora concluído, o trabalho merece ser ouvido em todo o seu esplendor histórico/musical.

O Orimã é integrado por Lu Starzynski e Nando Altenfelder, pesquisadores da música brasileira que, através das vozes e da percussão, unem suas trajetórias as do baixista, produtor e engenheiro de som Renato Cortez para buscar a sonoridade baseada em seus saberes confirmar a concepção original.

Ouvir “Ogum de Ronda”, impregnada pelas raízes do samba de roda e do ijexá; “Zumbi Bará” e “Dio Zambi”, duas músicas que, ajuntadas, marcaram o duo, que as percebem em rara sintonia; e “Sou Yabá”, com a levada mágica

de samba-reggae, é como dar um mergulho profundo na alma mística do povo brasileiro. A força das vozes, somadas ao som ritualístico dos tambores, surpreende ao também se valer, eventualmente, do som de sintetizadores e do contrabaixo – energia total.

Ao gravar essas três composições que refletem o vigor dos orixás, a ancestralidade dos Pretos Velhos e o tributo à potência feminina das Yabás, a trilogia faz uma formidável viagem pelo Brasil de todos os deuses, de todas as crenças: a cara do Brasil sincrético.

Unindo ancestralidade à contemporaneidade, a memória vem à tona e revela o que somos, de onde viemos e o que queremos. A espiri-



tualidade aflora, agregando ousadia às raízes que nos representam.

Dessa forma, tal alcance musical também induz à reflexão, aquela que, graças ao passado que ajuda a enxergar o futuro, demonstra quem somos e do que precisamos: respeito

ao Estado Democrático de Direito, um Brasil soberano, com liberdade de crença e respeito às minorias, sem violência contra as mulheres, sem fome, sem miséria e sem guerras imperialistas.

Ouçe as faixas e veja as fichas técnicas:

1º) “Ogum de Ronda” (Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro) https://youtu.be/TRR8joggL5g?si=_9Ljpp_toggOIwLW. Arranjo: Duo Orimã; voz: Lu Starz; vozes (introdução): Leandro Perez, Lu Starz e Nando Altenfelder; teclado: Lu Starz; percussão: Nando Altenfelder e Leandro Perez; sons sintetizados: Nando Altenfelder; contrabaixo elétrico: Renato Cortez; mixagem e mas-

terização: Renato Cortez; foto: Rogério Cavalcanti; arte da capa: Lari Lima.

2º) “Zumbi Bará” e “Dio Zambi” (Rafael Alterio, Celso Viáfara e Paulo César Pinheiro). <https://youtu.be/tMZ1lTusLoU?si=y8R-nfVC13smVWIHP>

Arranjo Duo Orimã; voz: Lu Starzynski; percussão e voz: Nando Altenfelder; mixagem e masterização: Renato Cortez; foto: Rogério Cavalcanti; arte da capa: Lari Lima.

3º) “Sou Yabá” (Luiza Lian) <https://youtu.be/J9DP5y-dZdA?si=XY6RFy8qFvg7F0sk>

Arranjo: Lu Starzynski e Nando Altenfelder; voz e teclado: Lu Starzynski; percussão Nando Altenfelder; baixo elétrico: Renato Cortez; mixagem e masterização: Renato Cortez; foto: Rogério Cavalcanti; arte da capa: Lari Lima.

*Vocalista do MPB4 e escritor